

68 à Vera

Marta Simões Peres

UFRJ

Palavras-chave: composição coreográfica História do Brasil Ditadura

A constatação de que, nos currículos escolares, há necessidade de um maior aprofundamento e compreensão dos acontecimentos da década 1960, levou à opção por esta temática para a montagem do espetáculo. Em todo o mundo, os ‘anos 60’ estão ligados a transformações marcantes nas esferas política, social e de comportamento. Considerado o ‘clímax’ desta década, os quarenta anos de 1968 estão sendo celebrados, de modo que a UFRJ, em parceria com outras instituições, vem organizando uma série de eventos sob o título ‘68: RELEMBRAR, CELEBRAR, ENTENDER’.

O título do projeto – que inclui mesas redondas e eventos científico-acadêmicos, exposições, cinema, teatro, produção de material audiovisual, DANÇA e atividades especificamente voltadas para a juventude, como concursos de redação (2º grau) e monografia (3º grau) – baseia-se na idéia de que ‘relembrar, celebrar e entender’ não se contradizem, mas se complementam. O objetivo é difundir os eventos para o público acadêmico e setores mais amplos da juventude. Deste modo, ‘68 à Vera’ está em sintonia com projetos e iniciativas voltados para a rememoração reflexiva dos eventos de 1968. O DAC/EEFD/UFRJ está apoiando a montagem deste espetáculo de dança, com roteiro inspirado naquele período, tendo como fio condutor a biografia da guerrilheira Vera Silvia Magalhães.

A década de 1960 assistiu à eclosão de um amplo espectro de transformações que atingiram as mais diversas esferas da vida social, abrangendo desde valores ligados aos costumes até as atitudes políticas (Hanna,1972). A opção por focar a biografia de Vera Silvia deve-se a um encontro recente entre bailarinos e ela, lançando-se mão da personagem para abordar o período. Ícone da chamada ‘Geração 68’, Vera Silvia proferiu uma palestra no ano passado para alunas do Bacharelado em Dança.

O espetáculo – contemplado pelo edital de apoio a eventos da PR-3 –Banco do Brasil - representa a oportunidade de estreitamento dos laços entre teoria e prática e na possibilidade de consolidação de uma proposta verdadeiramente transdisciplinar, estabelecida pela troca de informações e experiências entre alunos de diferentes cursos de Graduação, assim como de expansão do trabalho para além da Universidade.

Em 2008, completam-se 40 anos de um momento decisivo da História do Brasil e da História Contemporânea Mundial, um dos raros momentos em que a história se intensifica, flui densa e rápida, em que os processos se aceleram e as mudanças confluem. Política, cultura, modos de vida, relações de gênero, relações familiares, comportamentos, ‘tudo o que era sólido parecia se desmanchar no ar’. Autoridades desafiadas, tradições contestadas, vidas individuais e história coletiva se imbricaram, num turbilhão verdadeiramente revolucionário, para anunciar que um novo mundo era possível. Talvez o mundo não tenha

mudado como sonharam os milhões de jovens que coloriram as ruas e praças das cidades de todo o mundo. Porém, as marcas destes sonhos e esperanças, das transformações e resiliências, permanecem, indelévels, entre nós (Vainer, 2008).

No Brasil, a principal luta era contra a ditadura militar. O golpe militar, ocorrido quatro anos antes, havia obtido apoio das camadas médias e conservadoras da sociedade. No entanto, com o agravamento da crise política, estes estratos tiveram suas aspirações de ascensão social frustradas e a lentidão no restabelecimento do Estado democrático de direito causava insatisfação. Assim, o regime ditatorial vinha perdendo uma considerável base de sustentação. Em sintonia com os movimentos libertários franceses e do mundo, jovens brasileiros reivindicavam o fim da ditadura. As manifestações, protagonizadas, sobretudo, por estudantes, exigiam do governo a expansão do número de vagas nas universidades públicas e criticavam a 'Reforma Universitária' que modernizava o ensino, mas reduzia os investimentos na Graduação e atrelava a universidade brasileira a padrões institucionais dos EUA.

As manifestações estudantis não se limitaram às questões da Academia: todas as esferas da vida social eram questionadas. Inspirados, em parte, em ícones da contracultura inglesa e nos *hippies* norte-americanos, em 68 foi lançado o LP 'Tropicália', pelos baianos Gil, Caetano, Gal Costa e Tom Zé, com os letristas Torquato Neto e Capinam, além dos Mutantes - Rita Lee, Arnaldo Baptista e Sérgio Dias - Nara Leão e do maestro Rogério Duprat. Em plena ditadura militar, as canções baseavam-se na *pop* arte, na antropofagia, no concretismo e numa estética de vanguarda, rompendo barreiras comportamentais. A moda psicodélica e padrões de relacionamento não-convencionais pairavam na cabeça dos 'tropicalistas', que os difundiram com irreverência.

Em 1968, o mundo vivenciou uma eclosão de movimentos libertários, promovidos, principalmente, por jovens. Seja defendendo bandeiras no campo político ou cultural, os jovens saíram às ruas para contestar valores e práticas e entraram para a História como a geração que abalou as estruturas conservadoras da época. As manifestações de 68, talvez por seu caráter inovador, abrangente e maciço, pegaram de surpresa as forças tradicionais. Dificilmente os atores sociais envolvidos poderiam, à época, vislumbrar todas as conseqüências de seus atos e gestos, nem das palavras de ordem que seus gritos faziam ecoar (Vainer, 2008).

A CoordCOM/UFRJ idealizou um calendário '2008' comemorativo dos '40 anos de 68', que resgata os principais acontecimentos daquele ano e enfatiza a ação dos estudantes da UFRJ. Este foi uma das principais referências iconográficas no processo de composição do espetáculo.

Biografia

Vera Sílvia Araújo de Magalhães representa um dos símbolos da luta contra a ditadura militar no Brasil. Aos 11 anos, ganhou de presente de um tio um livro que influenciaria sua vida, o "Manifesto do

Partido Comunista", de Marx e Engels. Após sua leitura, decidiu se desfazer de suas bonecas. Vera Sílvia começou sua militância política aos 15 anos de idade no Movimento Secundarista, tendo ingressado, aos 20 anos, no Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8), dissidência do PCB. Bela e inteligente, Vera treinava tiro, atuando em 'desapropriações' em supermercados e bancos. Seus 'nomes de guerra' eram 'Andréia', 'Marta' e 'Carmen', mas ela também foi chamada pela imprensa popular de 'Loura 90' – pois afirmavam que usava duas pistolas 45 mm e uma peruca loura, embora ela contradissesse esta versão: 'Eu tinha mal um 38, que emperrava toda hora'.

Aos 21 anos, quando cursava a Graduação em Economia na UFRJ¹, foi a única mulher a participar do seqüestro do embaixador norte-americano no Brasil, Charles Burke Elbrick, em 1969. Fazendo-se passar por babá de seu sobrinho, obteve, com o chefe de segurança da casa, informações a respeito do trajeto diário do embaixador, além de ter dado cobertura no momento da captura. Segundo ela, o grupo apelou para as ações ofensivas porque a ditadura usava as armas contra eles, à medida que outros estudantes e militantes estavam sendo presos, torturados e mortos nas prisões.

Em março de 1970, numa panfletagem no Jacarezinho, seu primeiro marido, José Roberto Spigner, foi assassinado. Vera foi baleada na cabeça, presa e torturada no DOI-CODI, no quartel da Polícia do Exército, Tijuca. Com o seqüestro do embaixador alemão, Von Holleben, com demais presos políticos, Vera saiu do Brasil, usando cadeira de rodas. Passou pela Argélia, Cuba, República Tcheca, Alemanha, Chile, Argentina, Suécia e França. Concluiu a graduação em Economia e o Mestrado em Sociologia, na Sorbonne. Seu único filho, Felipe, nasceu em Paris.

Vera voltou ao país somente após a Lei da Anistia, em 1979. Trabalhou na Secretaria de Planejamento do Governo do Estado do Rio de Janeiro e, em 2002, reconhecendo que a precariedade de sua saúde era consequência das torturas sofridas, a Justiça brasileira lhe concedeu uma indenização mensal, tendo sido a primeira brasileira a receber esse benefício. As torturas lhe deixaram várias seqüelas, físicas e emocionais, que marcaram para sempre sua vida:

"É difícil transformar sofrimento em dinheiro. A maioria de meus companheiros não pediu. Mas meus problemas de saúde exigiram", disse Vera, que enfrentou crises psicóticas, problemas renais e câncer (dois linfomas). "Herdei da tortura um estado de dor", afirmou ela em depoimento. Vera esclareceu a decisão pela entrada na luta armada, no final dos anos 60:

"O AI-5 acabou com os nossos diretórios e expulsou nossas lideranças das faculdades. Nos sentimos encurralados. (...) Foi então que decidimos pela luta armada. Do socialismo daquela época, desisti. Mas não desisti da utopia, dos meus sonhos de que o mundo se torne melhor, com um mínimo de igualdade'.

¹ Graduação que viria a concluir na Sorbonne, em Paris, devido a seu banimento do Brasil.

Já aposentada por invalidez, até 2004 Vera ainda ministrava aulas de cidadania a presidiários e moradores de comunidades, na OnG 'Casa Alto Lapa-Santa', da qual fazia parte: "Quero que as pessoas aprendam a pensar, (...) que os excluídos saibam porque são excluídos", afirmou em entrevista.

Vera morreu aos 59 anos, em dezembro de 2007. Se hoje temos democracia no Brasil, é indispensável reconhecer que isto se deve à dedicação de pessoas como Vera Silvia Magalhães.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AARÃO REIS, Daniel. DE MORAES, Pedro. 1968: A Paixão de Uma Utopia. Espaço e Tempo: Rio de Janeiro, 1986.

CONH BENDIT, Daniel. Nós Que amávamos tanto a Revolução. Rocco: Rio de Janeiro, 1985.

GASPARI, Elio. A Ditadura Escancarada. Cia das Letras: São Paulo, 2002.

JORNAIS DA UFRJ: Coord Comunicação. 2007 e 2008.

HANNA, Thomas. Corpos em revolta. Uma abertura para o pensamento somático. Ed.Mundo Musical: Rio de Janeiro, 1972

TEIXEIRA, Evandro. 1968 Destinos 2008 – A Passeata dos Cem Mil. Textual: Lageado, 2008.

VAINER, Carlos. Projeto '40 ANOS DE 1968 – RELEMBRAR, CELEBRAR, ENTENDER'. Equipe.